

Ensaio sobre uma compreensão amorosa do outro

Jacqueline Rodrigues

Graduanda do
Curso de Ciências
Sociais / UFMG

RESUMO: Este ensaio procura refletir sobre a possibilidade do exercício de uma compreensão amorosa do outro na antropologia. Para tanto, aqui se relaciona a experiência da Teologia da Inculturação com as idéias sobre o amor de Edgar Morin e com a concepção da compreensão como um "exercício espiritual" proposta por Pierre Bourdieu.

Palavras-chave:

Teologia da Inculturação, Compreensão, Amor, Auto-ética, Engajamento Corporal.

Este ensaio consiste no esforço de expressar uma paisagem interior, paisagem que está em movimento. De um lado da margem, a experiência dos missionários católicos da Teologia da Inculturação, descrita por Carlos Rodrigues Brandão em seu texto "O rosto do Deus do outro - anotações sobre a Teologia da Inculturação na América Latina". Na Outra margem, o indizível. O Amor, em uma visão antropológica de Edgar Morin, apresentada no livro "Amor, poesia, sabedoria", deste autor. Entre as margens, o rio que corre, e sobre o rio uma "pequena" ponte: uma noção de compreensão dada por Pierre Bourdieu no texto "Compreender". Sobre a ponte, entre as margens, no rio, arrisco um mergulho.

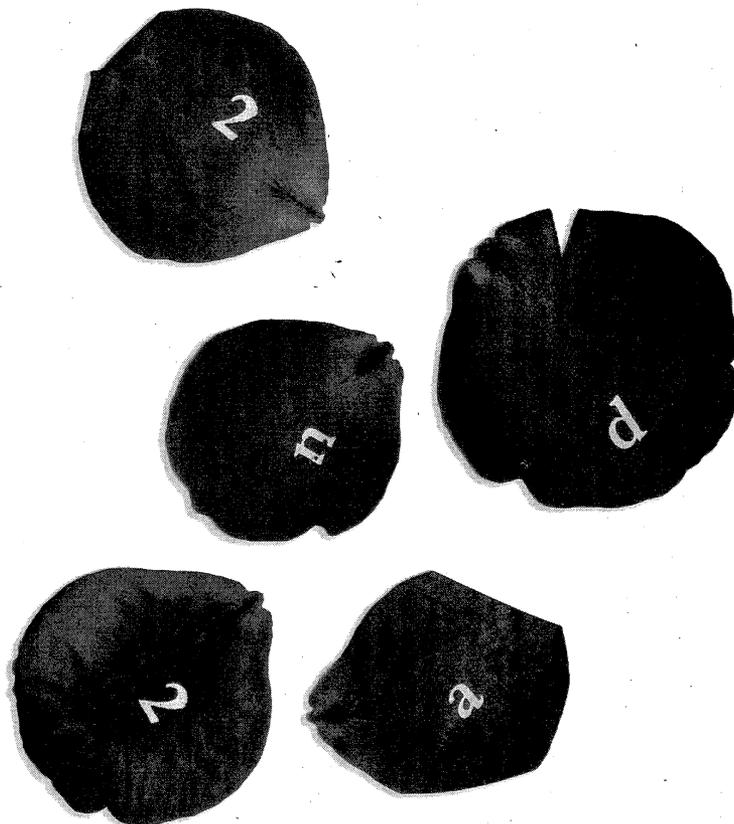
Dedicado à presença do irmão que indicou esta trilha,
Júlio Caixeta de Queiroz

"Quanto mais alto se sobe, tanto menos se entendia que é a sombra tenebrosa que aclarava a noite."
São João da Cruz

Iho: o exercício da contemplação desta paisagem está no corpo, na experiência do corpo presente. Corro para o mar...

A Experiência

A Teologia da Inculturação vem sendo desenvolvida recentemente, na América Latina, diferenciando-se das missões católicas tradicionais e protestantes e inserindo-se principalmente entre os povos indígenas. Ela se caracteriza pela busca de um diálogo entre iguais diferentes e, não, entre desiguais a serem tornados idênticos. Promove uma inserção social e política dos missionários na vida das sociedades acolhedoras, através de um engajamento nas questões



desta ordem, tendo como foco a defesa dos direitos humanos. O Evangelho é transmitido através do testemunho de vida dos missionários, em sua "presença amorosa", sendo desvinculado de qualquer proposta de conversão. A missão inculturada se funda em uma concepção cultural e histórica do outro, do Evangelho e da própria igreja, rendendo absoluto respeito ao direito do outro de exercer sua liberdade cultural. Inclusive, no plano religioso, incentivando a preservação das crenças e práticas culturais próprias aos povos indígenas. O Evangelho inculturado permite sua livre apreensão pelo outro, de acordo com seus recursos culturais próprios, abrindo, através do diálogo, a possibilidade da criação de "igrejas indígenas" autóctones. A legitimidade destas missões se funda no respeito pela cultura do outro e no seu diálogo criativo. Este diálogo é também transformador, não apenas dos índios, mas também dos missionários, que pretendem uma postura aberta diante da cultura e crenças do outro, podendo, eles mesmos, se transformarem neste diálogo e buscando uma compreensão da própria fé através das crenças dos outros. Assim, a Teologia da Inculturação, influenciada pela Teologia da Libertação, não associa a transmissão da mensagem do Evangelho a nenhuma cultura em especial, justamente por considerá-lo uma mensagem universal, que deve ser levada com respeito às particularidades culturais de cada povo e apreendida de acordo com as mesmas.

O Amor

Para Morin, é preciso assumir o amor. Isso porque vivemos em busca do sentido, e este não é originário, não provém da exterioridade de nossos seres. O sentido emerge da participação, da fraternização, do amor. Não se pode falar do amor como se ele existisse fora dos sujeitos. Não apenas o amor interindividual, mas o amor, num sentido muito mais amplo.

O amor é um conjunto de componentes diversos. Em um extremo está um componente físico, como componente biológico que não se reduz ao comportamento sexual, mas inclui o engajamento do ser corporal. No outro extremo encontram-se os componentes mitológico e imaginário, como profunda realidade humana. O paradoxo do amor é justamente que ele enraíza-se na corporeidade e, nesse sentido, precede a palavra. Mas, o amor encontra-se, ao mesmo tempo, enraizado em nosso ser mental, no mito, que pressupõe a linguagem e, neste sentido, o amor procede da palavra e precede a palavra.

O amor só vai aparecer e ser tratado como tal numa civilização em que o indivíduo se autonomiza e se desenvolve. A necessidade de amor não pode ser provada empírica e logicamente, podendo-se apenas apostar nele e sobre ele, adotando para com nosso mito de amor uma atitude de desafio que implica a capacidade de uma entrega que resguarda um diálogo crítico. Diante desse desafio, há o risco do erro ontológico, da ilusão, já que o absoluto é, simultaneamente,

o incerto. O amor contém em si um sentimento de verdade que pode ser fonte de graves erros. O amor pode trazer a ilusão da verdade absoluta. O amor é um risco porque não é somente um que se engaja nele, engajam-se também os outros, quer tenham ou não reciprocidade no amor.

O amor contém uma contradição fundamental: a co-presença da loucura e da sabedoria. O amor talvez represente nossa religião e nossa doença mental mais verdadeira. Oscilamos entre esses dois pólos, que são muito reais. O extraordinário dessa oscilação é a nossa verdade revelada e percebida pelo Outro. O amor nos faz descobrir, igualmente, a verdade do outro. Morin sugere para a pesquisa sobre o amor a fórmula de Rimbaud: a da pesquisa de uma verdade que se situe, simultaneamente, numa alma e num corpo.

"A autenticidade do amor não consiste apenas em projetar nossa verdade sobre o outro e, finalmente, ver o outro exclusivamente segundo nossos olhos, mas sim de nos deixar contaminar pela verdade do outro. Não é necessário sermos como os crentes, que acreditam naquilo que procuram, porque projetaram a resposta que esperavam. É aqui que consiste a tragédia. Carregamos conosco uma necessidade tão grande de amor que, por vezes, um encontro, num momento propício - ou mesmo num momento mau - deslança o processo da fulminação e da fascinação. Nesse momento, projetamos sobre o outro nossa necessidade de amor, fixamo-lo e o endurecemos, ignoramos o outro, transformando-o em nossa imagem e totem. Efetivamente, aqui reside uma das tragédias do amor: a incompreensão de si e do outro. Mas a beleza do amor, que reside na interpenetração da verdade do outro em si, implica encontrar sua verdade através da alteridade". (Morin, 2001, pp. 30 e 31)

O amor é fonte de poesia. Prosa-poesia constituem o tecido de nossa vida. A prosa e a poesia só podem evidenciar-se uma em relação à outra. A linguagem prosaica (racional, empírica, prática e técnica) e a linguagem poética (simbólica, mítica e mágica) correspondem cada uma a diferentes estados. O estado prosaico cobre grande parte da vida cotidiana, onde nos esforçamos por perceber e raciocinar. O estado poético pode ser chamado de "estado segundo". A poesia não é apenas um modo de expressão literária, mas esse estado segundo do ser que advém da participação, do fervor, da admiração, da comunhão, da embriaguez, da exaltação e do amor, se expressando também no canto, no culto, nas cerimônias, etc.. Nas sociedades contemporâneas ocidentais operou-se uma disjunção entre os estados da prosa e da poesia. Concomitantemente ao desenvolvimento científico e técnico, o que prevaleceu foi a prosaização da vida cotidiana.

Em relação à sabedoria, Morin nos introduz à noção de *homo sapiens-demens*. Segundo o autor, não se pode definir o homem apenas por es-

sa palavra *sapiens*, que significa "razão" e "sabedoria", ocultando do homem a afetividade.

A afetividade comporta um aspecto "negro" que é o ódio, a maldade gratuita, a vontade de destruir por destruir, e um aspecto "rosa", que consiste na participação, no amor e nas trocas. *Homo sapiens* é igualmente *homo demens*, não havendo fronteira nítida entre esses dois pólos. Através da copulação entre *sapiens* e *demens* tem-se criatividade, invenção e imaginação juntamente à criminalidade e à maldade. O destino antropológico do *homo sapiens-demens* implica em fazer dialogar essas polaridades.

É preciso reconhecer os limites da razão e efetuar o diálogo com o irracionalizável. Os riscos de um delírio da razão sempre existem e a precaução deve ser uma racionalidade autocrítica. É preciso aprender a aceitar a parte irracional da vida.

Morin sugere que o centro da sabedoria atualmente se situa na auto-ética, e principalmente no plano elementar da recusa das idéias de vingança e punição. Isto supõe autocrítica, auto-exame e aceitação da crítica do outro. A auto-ética é antes de tudo, uma ética da compreensão: a compreensão de que os seres humanos são instáveis, dependendo das circunstâncias de cada um. É nessa auto-ética para si e para o outro que se encontram implicadas virtudes como o saber distanciar-se de si mesmo e saber objetivar-se. A linha de força da sabedoria moderna consistiria, para Morin, na compreensão, sendo necessário ensinar e aprender a distanciar-se, objetivar-se e aceitar-se.

Na relação dialógica sempre em movimento de *sapiens-demens*, nenhum elemento destrói ou domina o outro, antes implica na aceitação de sua coexistência e conflito.

"A sabedoria deve saber que contém em si uma contradição; é inteiramente loucura viver muito sabiamente. Devemos reconhecer que na loucura, que é o amor, há a sabedoria do amor. No amor da sabedoria, ou da filosofia, falta amor. O importante na vida é o amor. Com todos os perigos que ele contém. Mas isso não é suficiente. Se o mal que sofremos e fazemos sofrer reside na incompreensão do outro, na auto-justificação, na mentira a si próprio (self deception), então o caminho da ética - e é aí que introduzirei a sabedoria - reside no esforço da compreensão e não na condenação, no auto-exame que comporta a autocrítica e que se esforça em reconhecer a mentira para si próprio." (Morin, 2001, pp. 66 e 67)

A Compreensão

Para Bourdieu (1997), o pesquisador deve se posicionar reflexivamente, no intento de **compreender** seu objeto de estudo dentro dos limites de objetividade/subjetividade que o envolvem e envolvem sua apreensão. Para reduzir ao máximo a *violência simbólica* na interação entre pesquisador e pesquisado, o autor sugere uma relação de *escuta ativa e metódica*, tão afastada da pura não-intervenção, quanto do dirigismo. Tal

postura associa a disponibilidade total em relação à pessoa pesquisada, a submissão à singularidade de sua história particular (podendo conduzir, por uma espécie de mimetismo mais ou menos controlado, a adotar sua linguagem e a entrar em seus pontos de vistas, em seus sentimentos, em seus pensamentos), com uma construção metódica do conhecimento das condições objetivas.

Tentar situar-se, em pensamento, no lugar que o pesquisado ocupa no espaço social não implica em fingir anular a distância que o separa do pesquisador, nem mesmo em executar uma "projeção de si em outrem". "É dar-se uma compreensão genérica e genética do que ele é, fundada no domínio (teórico ou prático) das condições sociais das quais ele é o produto..." (Bourdieu, 1997, p. 700). Tal compreensão não se reduz a um estado de alma benevolente.

Bourdieu afirma, sob o risco de chocar tanto os metodólogos rigoristas quanto os hermenutas inspirados que "a entrevista pode ser considerada como uma forma de *exercício espiritual*, visando a obter, pelo *esquecimento de si*, uma verdadeira *conversão do olhar* que lançamos sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida. A disposição acolhedora que inclina a fazer seus os problemas do pesquisado, a aptidão a aceitá-lo e a compreendê-lo tal como ele é, na sua necessidade singular é uma espécie de *amor intelectual*: um olhar que consente com a necessidade, à maneira do "amor intelectual de Deus", isto é, da ordem natural, que Spinoza tinha como a forma suprema do conhecimento." (Bourdieu, 1997, p. 704)

A Paisagem

O exercício da compreensão, tal qual nos apresenta Bourdieu, pode nos transportar da experiência da Teologia da Inculturação, que associa o diálogo, a total disponibilidade, o respeito à história particular e a adoção do ponto de vista do outro, sem contudo, anular as diferenças que os separam; até a margem do indizível, do amor, que não se reduz a um estado de alma benevolente, mas a essa *conversão do olhar*, *exercício espiritual*, *esquecimento de si*, disposição à aceitação do outro tal qual ele é no intento de compreender a si e ao outro. O amor se realiza no estado segundo ou poético, que permite uma compreensão diferenciada do outro, tal qual propõe as missões inculturadas:

"Uma experiência de evangelização inculturada pretende crer que o diálogo religioso através do Evangelho se dá em um plano de transcendência da própria mensagem evangélica à realidade cultural e ao testemunho cultural de uma única religião. De algum modo não muito fácil de se compreender, o diálogo plenamente amoroso do evangelho." (Brandão, 2003, pp. 24 e 25)

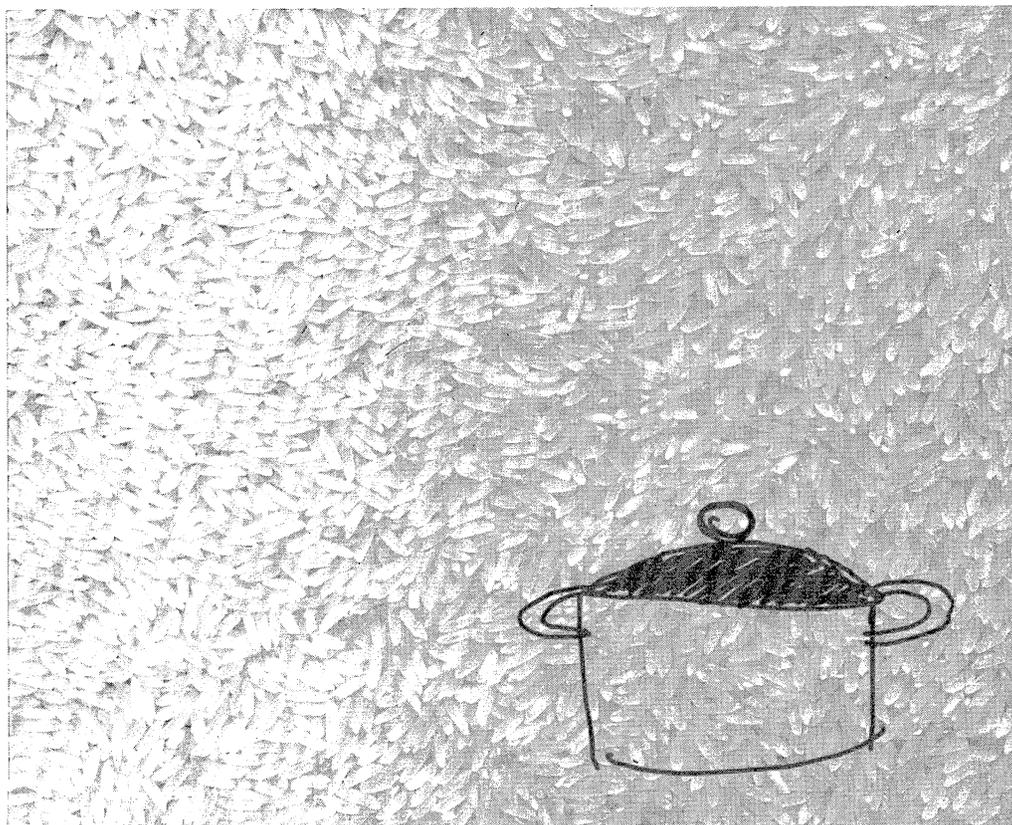
É neste mesmo sentido que Morin nos revela que o amor procede da palavra e precede a palavra; bem como a evangelização inculturada, em-

bora fundada no diálogo, vai além do diálogo, buscando seu sentido na fraternização e no amor, contaminando-se pela verdade do outro ao procurar, através desse espelho invertido, sua própria verdade através da alteridade.

Podemos também, por meio desta mesma "ponte da compreensão", transitar no sentido contrário, partindo da sabedoria entendida como auto-ética, ou ética da compreensão, que nos propõe Morin, para a atitude desses missionários, num esforço de distanciar-se de si mesmos, objetivar-se e aceitar-se, não cessando de dialogar em si mesmos o *homo sapiens-demens*, enquanto dialogam com o outro. A evangelização inculturada propõe a isenção de atividades conversionistas, como por exemplo, a pregação; visando uma proximidade respeitosa em face da alteridade, crítica frente ao pecado e solidária no sofrimento. Supõe o direito dos povos indígenas à vivência autônoma de suas crenças, tomadas em "pé de igualdade" com todas as outras. Somente respeitando o direito do outro à liberdade de ser como ele é, que se pode dizer a ele sobre uma outra crença. O Evangelho é a palavra dos missionários no diálogo: "Não para que o outro aceite e se faça, através dele, como eu. Mas para que aceitemos um ao outro, em seus termos e nos do outro." (Brandão, 2003, p.24). Eles não negam o seu ser cristão, mas anunciam o Evangelho com o testemunho de sua vida, tornada uma presença amorosa; bem como reconhecem o direito do outro, também sujeito do diálogo, de receber a mensagem em seus termos e ser criador de sua experiência. Destarte, as missões inculturadas realizam o esforço da auto-ética de que nos fala Morin, realizando o auto-exame, a auto-crítica e se esforçando em reconhecer a mentira para si. Tal fato se dá a pon-

to dos porta-vozes da Teologia da Inculturação, assumirem em um documento público, referente à IV Conferência do Episcopado Latino-Americano, de 1992, os erros passados e presentes das missões católicas de evangelização; além de fazerem um enfático pedido de perdão.

Quanto à disposição, de que nos fala Bourdieu, de fazer seus os problemas do outro e a submissão à sua história particular, fundada nas condições sócio-históricas mais amplas, das quais ele é produto, encontramos na margem da Teologia da Inculturação um ativo envolvimento em todos os campos e planos da realidade do outro, como o lugar social de sua atuação. Isso se dá, principalmente através da defesa dos direitos humanos e do comprometimento com todas as imediatas e históricas dimensões da vida de seus destinatários. O outro é reconhecido como sujeito de sua própria história e protagonista de sua própria cultura. Desta forma, o exercício de uma compreensão amorosa do outro, associado a uma concepção histórica e cultural dos fatores envolvidos no diálogo, procura escapar, através da fórmula subjetividade/objetividade, da fixação e do endurecimento que transformam o outro na nossa própria imagem e totem, de que nos fala Morin. Esta fórmula pretende evitar a total incompreensão do outro, tanto através da possível falácia amorosa que pode advir da ilusão da verdade absoluta (risco do amor), quanto da falácia de uma racionalização que suponha que o único caminho para o entendimento seja sua própria lógica. Compreender, para Bourdieu, significa articular o conhecimento objetivo com o conhecimento subjetivo. As missões inculturadas, sem ter como objetivo a articulação de uma compreensão teórica e a produção do conhecimento, ao pretende-



rem uma compreensão antropológica baseada em um diálogo que considera tanto a realidade concreta na qual se insere, quanto a dimensão amorosa envolvida neste processo, nos fornecem o exemplo de uma experiência amorosa que pretende compreender o outro, fundamentando-se em uma auto-ética que supõe: respeito, aceitação, humildade, receptividade e amor.

Um outro ponto salutar na experiência destas missões é a abertura para um processo criativo a partir do diálogo com as sociedades indígenas, considerando-se sempre a possibilidade da transformação de ambos os interlocutores através do diálogo. A possibilidade da criação de "igrejas indígenas", baseadas na livre apreensão do Evangelho a partir de diferentes culturas, coloca não apenas à Igreja Católica este desafio, mas remete ao desafio da antropologia de dialogar criativamente com a apreensão de seu saber pelos mesmos sujeitos que procura compreender. Lembrando-nos sempre do diálogo existente entre as missões religiosas e a antropologia. Percebendo a livre e criativa apreensão do saber antropológico pela Teologia da Inculturação, arrisco uma livre e criativa apreensão daquilo que a antropologia teria a aprender com essa experiência.

Falo do Amor. O amor num sentido mais amplo, para com o qual devemos resguardar um diálogo crítico, sob o risco da ilusão da verdade absoluta, mas, o mesmo amor que se contamina pela verdade do outro, que reside na experiência da alteridade de um modo poético. O mesmo amor que nos coloca em um estado segundo quando temos nossos sentidos embotados pelo estado prosaico do cotidiano. Este estado amoroso que advém da participação, do fervor, da admiração, da comunhão e da embriaguez. Claro está que tal proposta caminha na contra-mão do desenvolvimento das sociedades contemporâneas ocidentais, onde observamos uma disjunção entre os estados da prosa e da poesia, valendo a supervalorização do estado prosaico (modo de vida monetarizado, cronometrado, compartimentado, no qual os especialistas consideram-se competentes para todos os problemas e temos a expansão econômico-tecnoburocrática).

Para tanto, sugiro uma reflexão das implicações do amor sobre a compreensão do outro, situando-me na antropologia, por observar e inquietar-me com a possibilidade deste diálogo através da alteridade, mas no vislumbre de que

esta questão diz respeito a todas os saberes que pretendam conhecer algo sobre a vida e sobre o homem. Resta-nos o esforço pela auto-ética que nos faça dialogar *homo sapiens-demens*, e um breve mergulho no corpo.

O Mergulho

A fórmula de Rimbaud: a da pesquisa de uma verdade que se situe, simultaneamente, numa alma e num corpo.

Morin nos fala que um dos componentes do amor é o engajamento do ser corporal; outro dos componentes seria a realidade mitológica e imaginária do homem. O amor estaria enraizado nestes dois componentes, sendo que o primeiro precede a palavra e o segundo procede da palavra. Bourdieu sugere uma disponibilidade total em relação à pessoa pesquisada. Meu mergulho consiste na associação desta disponibilidade total com este engajamento corporal como condição para a experiência do amor como estado segundo que permite o exercício da compreensão. Porém, ao falar de engajamento corporal, não o considero separado do componente mítico e imaginário, pelo fato de que, embora social, este componente está inscrito em uma mente, em um coração, em um corpo e em um espírito, que embora disjuntados, formam uma unidade.

O que seria esse engajamento corporal, se não uma disponibilidade física, mental, emocional e espiritual de estar inteiramente **presente** no tempo e no espaço em que se situa a experiência? O mesmo posicionamento no aqui e agora que propõe os missionários da inculturação, considerando não apenas as dimensões mais imediatas do contato, mas as dimensões cultural e histórica do contexto em que se inserem. No entanto, minha atenção se volta para a parte mais desprezada: a dimensão do engajamento corporal no momento do encontro com o outro. Este engajamento amoroso no presente está também ligado à aceitação. Aceitação corporal de um tempo/espaço sempre presentes embora negados por um homem dividido. A presença reveladora de si e do outro exige que a mente, as emoções, o espírito e o corpo (enquanto dimensão física) estejam em consonância, aprendendo e vivendo juntos a experiência do presente através de um corpo (no sentido mais amplo desta conexão). Esta seria a busca de uma re-união do homem em si mesmo, nas dimensões que nele se manifestam e que têm uma expressão corporal, na qual se enraíza o amor.

Bibliografia

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. "O rosto do Deus do outro - anotações sobre a Teologia da Inculturação na América Latina". in *Teoria e Sociedade* (Revista dos Departamentos de Ciência Política e de Sociologia e Antropologia - UFMG), Belo Horizonte, n. 10, julho-dezembro de 2002.

MORIN, Edgar. (2001), *Amor, poesia, sabedoria*. Tradução de Edgar de Assis Carvalho. 3ª edição, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

BOURDIEU, Pierre. (1997), "Compreender", in P. Bourdieu (org.), *A miséria do mundo*, Petrópolis, Vozes.